



# Estrutura única no Centro de Portugal está localizada perto de Pinhel

É uma estrutura única no Centro do país e está localizada perto de Pinhel. Este Sábado pode ser visitada através da iniciativa Pôr-do-Sol no Fojo do Lobo, promovida pelo Grupo Lobo, e que consiste numa visita guiada, uma breve palestra sobre o lobo-ibérico e um "petisco" com produtos locais.

Gabriela Marujo  
gabriela.terradabeira@igopress.pt

**P**erto de Pinhel, entre Mangide e Vale de Madeira, existe uma estrutura única no Centro de Portugal: o fojo do lobo, uma antiga armadilha em pedra, circular, que foi usada para dar caça ao lobo quando este ainda era uma espécie perseguida legalmente. É do tipo "fojo de cabrita", uma rara tipologia, mesmo noutros locais do país. Mantém a sua estrutura original e, até à data, é o único fojo do lobo que se conhece na



O actual estado de conservação do Fojo do Lobo é «mediano»

zona Centro.

Os interessados podem visitar o local este Sábado através da iniciativa Pôr-do-Sol no Fojo do Lobo, promovida pelo Grupo Lobo. O encontro está marcado para as 17h30, «perto de Pinhel», de onde os caminhantes partem, «sempre por velhos caminhos rurais», até ao Curral do Lobos, ou Fojo do Lobo. O percurso tem quilómetro e meio. Segue-se uma breve palestra sobre o lobo-ibérico e um "petisco ao pôr-do-sol", composto por «queijo e compotas locais, acompanhados por pão rústico» e «magníficas vistas

para o rio Côa».

«Os fojos do lobo são antigas armadilhas que eram usadas no passado enquanto era permitida a sua caça, sobretudo no Noroeste Ibérico, porque também há bastantes na Galiza e no Norte de Portugal, pelas populações locais como uma forma de capturar os lobos e assim reduzir o número de animais que causavam prejuízos nos rebanhos», explica Clara Espírito Santo, investigadora do Grupo Lobo, sublinhando haver «várias tipologias de fojos».

Para além do fojo da cabrita, «um dos mais raros»,

havia o simples e o de paredes convergentes. Os simples, «como era só um buraco no chão desapareceram. Não temos grandes indícios ou grandes vestígios da sua ocorrência, mas sabemos que existiam pelos relatos orais das pessoas mais antigas e memórias paroquiais».

Os de paredes convergentes, «no Gerês há bastantes, na zona Centro não se conhece nenhum», afirma Clara Espírito Santo.

Os fojos de cabrita eram «estruturas com um aspecto mais circular, arredondado, em que era colocada uma cabrita ou uma ovelha no

interior, a berrar, para atrair o lobo. O lobo era atraído para o interior destas armadilhas, conseguia saltar as paredes dos fojos, que eram construídas nesse sentido, mas não conseguia sair. Ou seja, o lobo não se apreciava que estava a entrar numa estrutura circular e era assim capturado».

Estado de conservação é «mediano»

«Até ter começado» o projecto LIFE MedWolf – Boas práticas para a conservação do lobo em regiões mediterrânicas, co-financiado pela União Europeia no âmbito do Programa LIFE, que o Grupo Lobo está a desenvolver desde final de 2012, «também não se conhecia nenhum fojo a Sul do Rio Douro».

«Foi uma surpresa os nossos colegas descobrirem este fojo olhando para a toponímia das cartas militares. Viram Curral de Lobos escrito e foram perguntando às populações locais onde era e encontraram-no. Foi uma surpresa para nós», lembra Clara Espírito Santo.

O seu actual estado de conservação é «mediano». «Consegue-se perceber perfeitamente como é que ele era. As paredes estão quase

na totalidade ainda compostas, no cimo dessas paredes faltam as cápias, que eram umas pedras grandes que faziam uma posição oblíqua que impedia que os lobos saltassem de dentro para fora, essas cápias já lá não estão, caem com o tempo, e há parte do fojo em que a parede está um pouco degradada», descreve a investigadora.

Uma das curiosidades desta estrutura é o aproveitamento de um rochedo existente no local. «Num dos lados do fojo aproveitaram o que já existia, não tiveram que fazer essa parede. É muito engraçado, fizeram ali um fojo dessa tipologia, fojo de cabrita, numa zona que é quase como uma portela, é uma zona de passagem de um vale para o outro», explica.

«Zonas muito utilizadas pelos rebanhos também são utilizadas pelos lobos, eles seguem esses rastros em busca de algum animal que fique perdido, e portanto construiram-no ali estrategicamente, não é à toa, para capturar lobos», destaca Clara Espírito Santo, finalizando não haver «memória já de pessoas que se lembrem de ter sido utilizado a última vez».

## «Houve uma mudança de opinião» em relação ao lobo-ibérico

Projecto de conservação do lobo-ibérico, espécie em vias de extinção, o LIFE MedWolf tem como «sua componente mais forte o trabalho com os criadores de gado em zonas onde há mais prejuízos com os lobos». A estes, que no caso do distrito da Guarda são sobretudo dos concelhos de Almeida, Pinhel e Sabugal, foram entregues «vedações correctamente desenhadas para proteger o gado dos ataques dos lobos, e cães de gado com o devido apoio de ração, veterinária e educação dos cães».

«Este foi o objectivo principal do projecto, que ainda está a decorrer», explica Clara Espírito Santo, investigadora do Grupo Lobo, associação não governamental que desde final de 2012 tem vindo a executar o

MedWolf, co-financiado pela União Europeia, no âmbito do Programa LIFE, que se desenvolve em Portugal, nos distritos da Guarda e Castelo Branco, e em Itália, na Província de Grosseto.

O trabalho que o Grupo Lobo tem vindo a desenvolver já resultou numa imagem menos negativa do lobo-ibérico, pelo que se pode perceber na análise dos cerca de mil inquéritos feitos a caçadores, criadores de gado, população em geral e jornalistas.

«Já tenho esses dados todos analisados, falámos com as autoridades, com imensa gente, e verificámos que houve uma mudança de opinião», afirma Clara Espírito Santo, responsável pela recolha de depoimentos nomeadamente nos criadores de gado.

«Isso para nós é um sinal de receptividade porque se não quissemos sequer trabalhar connosco e receber este material e adoptar boas práticas de manejo do gado isso seria um mau sinal, mas isso não aconteceu. Temos já muitos criadores que estão satisfeitos com a nossa ajuda e que sentiram um decréscimo no número de prejuízos que tiveram», assegura a investigadora.

«Outros têm que fazer ainda um trabalho mais acentuado. Não ocorre igualmente bem em todo o lado ao mesmo tempo, há casos em que tem que se trabalhar durante mais tempo, mas sentimos que as pessoas agora estão muito mais informadas e despertadas para a questão do lobo-ibérico e para a necessidade de guardar bem o seu gado»,

reconhece, destacando que «o saldo é positivo neste projecto».

Quanto à presença desta espécie, em vias de extinção, no distrito da Guarda, Clara Espírito Santo diz que é «na zona de Pinhel e Almeida – o Sabugal é mais incerto», que é onde há mais prejuízos, isso não é nenhuma novidade, que há mais animais». «Talvez, não sabemos ao certo, uma alcatéia, duas, não temos informação mais detalhada, mas são muito poucos animais, muito poucos mesmo», afirma.

As informações que o Grupo Lobo recolhe, esclarece a investigadora, «não é com base em avistamentos mas sim em análises genéticas, de ADN, em excrementos que recolhemos no campo e em situações onde o gado é

atacado através de uma amostra de saliva que ficou na ferida do animal, na qual identificamos se foi lobo, se foi cão ou outra coisa qualquer, e por vezes conseguimos saber se foi o mesmo lobo que atacou aqui e noutra localidade». «É com base neste tipo de informações e não dos avistamentos», repete, argumentando que «os nossos avistamentos são raríssimos ou quase nulos, e os avistamentos feitos pela população local têm uma grande margem de erro. As pessoas dizem que vêem muitos lobos e depois quando vamos confirmar essa informação a maior parte das vezes viram cães parecidos com lobos».

«Não é informação fidedigna para nós e não baseamos os nossos resultados nesse tipo de informação.

São meramente indícios para depois nós irmos ao terreno pesquisar mais informação.

O melhor são as fotografias que recolhemos com câmaras de infravermelhos, colocadas estrategicamente no campo, e os resultados das análises genéticas. Essas é que não trazem qualquer dúvida», esclarece.

«E depois temos informação de lobos que são mortos ilegalmente. Continuam a ser, isso também sabemos. É ilegal mas continua a fazer-se, infelizmente», lamenta Clara Espírito Santo, destacando que «com os incêndios que vão ocorrendo também não esperamos um futuro muito brilhante». «Está à vista de todos, e os lobos também sofrem com isso», conclui.

GM